

SEXUALIZANDO A COLONIALIDADE DE GÊNERO: PARA UMA COMPREENSÃO DA HOMOFOBIA INTERNALIZADA

SEXUALIZING GENDER COLONIALITY: TOWARDS AN UNDERSTANDING OF INTERNALIZED HOMOPHOBIA

José da Silva Oliveira Neto

Psicólogo, graduado pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Sexualidade Humana pelo Child Behaviour Institute of Miami. Mestre e Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Professor substituto do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará.

RESUMO

A história colonial do Brasil coincide com o assassinato de corpos não heterossexuais. Nesse contexto, a colonialidade de gênero estabelece quais corpos valem mais e quais corpos valem menos a partir do binômio masculino-feminino. Essa realidade pode se manifestar como homofobia internalizada entre pessoas homossexuais, afetando negativamente sua experiência de vida. Este estudo de revisão narrativa objetivou convocar os Estudos Decoloniais ao debate sobre a sexualidade articulada ao conceito de colonialidade de gênero. Aponta-se que a homofobia internalizada tem sua história construída na exploração colonial, a qual se manifesta no estabelecimento de práticas de perseguição e extermínio de condutas homossexuais. Nesse ínterim, a colonialidade de gênero é o braço da colonialidade que agrega a homofobia internalizada como mecanismo, garantindo que as diferenças coloniais continuem atuando no sistema cognitivo das pessoas. Por fim, é necessário que haja mais propostas teórico-práticas que discutam a sexualidade como um problema ligado à colonialidade de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

Colonialidade de gênero. Estudos Decoloniais. Homofobia internalizada.

ABSTRACT

Brazil's colonial history coincides with the murder of non-heterosexual bodies. In this context, gender coloniality establishes which bodies are worth more and which bodies are worth less based on the male-female binomial. This reality can manifest itself as internalized homophobia among homosexual people, negatively affecting their life experience. This narrative review study aimed to bring Decolonial Studies into the debate on sexuality articulated with the concept of gender coloniality. It points out that internalized homophobia has its history built on colonial exploitation, which manifests itself in the establishment of practices of persecution and extermination of homosexual conduct. In the meantime, gender coloniality is the arm of coloniality that adds internalized homophobia as a mechanism, ensuring that colonial differences continue to operate in people's cognitive systems. Finally, there needs to be more theoretical and practical proposals that discuss sexuality as a problem linked to gender coloniality.

KEYWORDS

Coloniality of gender. Decolonial Studies. Internalized homophobia.

SEXUALIZANDO A COLONIALIDADE DE GÊNERO: PARA UMA COMPREENSÃO DA HOMOFOBIA INTERNALIZADA

INTRODUÇÃO

1613. Este é o ano apontado por Mott (1995) como o momento da história do Brasil em que a primeira pessoa homossexual foi morta por homofobia, evento que se passou no Maranhão. Tratava-se de um índio tupinambá, tibira, acusado de cometer de forma corriqueira o terrível e nefando pecado da sodomia. Conforme relata o autor, com o objetivo de se limpar a terra de um costume tão antinatural e desviante, o corpo do silvícola foi amarrado na boca de um canhão, de modo que, quando este disparou, seu corpo foi espalhado pela então chamada Baía São Marcos, configurando o primeiro martírio de um homem gay no Brasil.

Atualmente, 69 países criminalizam e/ou punem a homossexualidade, de modo que as penas podem variar desde restrições mais brandas como trabalhos comunitários até penalizações mais severas, como a pena de morte (MENDOS et al, 2020). Nesse caminho de compreensão, é interessante notar que os países que punem a homossexualidade com a morte assassinam esses sujeitos de forma que muitos desses rituais de execução figuram como reais expurgos, tal como a cena que Mott (1995) descreve ter acontecido no Brasil ainda no século XVII.

Estudos (ALMEIDA, 1986; RAGO, 1997; STOLKE, 2006) apontam forte influência dos processos de colonização no Brasil sobre a compreensão da sexualidade. Conforme Lima e Silva (2013), essas influências estavam calcadas em um eminente preconceito religioso e em condutas morais religiosas caracteristicamente cristãs. Corroborando com o exposto, Mott (2008) sinaliza que, durante o período colonial, sobretudo entre os séculos XVI e XVIII, a Igreja, corporificada no fantasma da Santa Inquisição, deu um lugar importante para os pecados que implicassem desvios sexuais. Nesse mesmo sentido, Borrillo (2015) afirma que a ideia de pecado que foi vinculada à homossexualidade é um dos pilares centrais da perseguição colonial, cujos ecos podemos escutar até hoje.

Frente à necessidade de problematização das relações de gênero, sexo e sexualidade e das influências que os limites da colonização impuseram sobre esses componentes da vida humana, os Estudos Decoloniais têm empreendido esforços no sentido de compreender que o projeto de colonização é também um projeto de domínio do gênero (LUGONES, 2014; 2020; SEGATO, 1998), uma vez que o colonialismo e a colonialidade agem no sentido de regular e ditar quais vidas importam, e quais não importam. Nesse ínterim, Segato (1998) indica que, na

colonialidade moderna, o feminino é preterido em relação ao masculino e aos sentidos e significados que a ele foram sendo associados. Assim, o sujeito colonizador é homem, branco, heterossexual, masculino, cisgênero e cristão (BERNARDINO-COSTA, MADONADO TORRES e GROSGOUEL, 2019).

Entretanto, apesar dos esforços teóricos decoloniais, sentimos haver uma lacuna no que diz respeito aos processos que envolvem a sexualidade dentro dos Estudos Decoloniais, o que acreditamos se dever ao fato de os teorizadores das perspectivas decoloniais não serem atravessados por marcadores de sexualidade divergentes à heteronorma. Ora, a heteronormatividade é a ideologia que prega a desvalorização dos corpos não heterossexuais, de forma que, em uma balança em que de um lado está um corpo heterossexual e do outro, um corpo homossexual, o corpo heterossexual é sempre legitimado (JESUS, 2015). Além disso, a heteronormatividade provoca um efeito de invisibilidade em qualquer expressão de sexo e de sexualidade que não se encaixe em seus limites (JUNQUEIRA, 2007).

Cientes de que a colonialidade de gênero tem se constituído, desde o Brasil colônia, como um mecanismo de controle da sexualidade, este estudo objetiva aportar elementos teórico-reflexivos que deem conta de trazer para a arena dos debates decoloniais a sexualidade. Caracterizando-se como um ensaio teórico-exploratório, este estudo se ampara especificamente na Revisão Narrativa de Literatura (RNL), que, de acordo com Rother (2007), trata-se de um movimento de aproximação da literatura científica não orientado pela necessidade de esgotar as produções acerca de um tema a partir de critérios específicos de inclusão e de exclusão; antes, a RNL aponta para o processo pessoal de apropriação do pesquisador sobre uma temática, revelando a caminhada e o percurso de acesso à literatura utilizada.

Assim, utilizando essa ferramenta teórico-bibliográfica, este estudo bebeu das contribuições dos Estudos Decoloniais (ALVES e DEMONDEZ, 2015; CASTRO e MAYORGA, 2019; GROSGOUEL, 2016) para produzir reflexões que dessem conta de ampliar a compreensão de que os processos de opressão social por orientação sexual estão imbricados na história social do gênero; tendo, apesar disso, um caminho mais específico de eventos sociais que foram produzindo as normativas coloniais de sexualidade.

MÉTODO

Este estudo é de natureza teórico-bibliográfica, uma vez que sua preocupação não foi a de examinar uma relação empírica, mas o deslocamento do conceito de colonialidade de gênero

para a compreensão dos processos de violência baseados na sexualidade. Como objetivo, orientou-se por convocar os Estudos Decoloniais ao debate sobre a sexualidade articulada ao conceito de colonialidade de gênero; para isso, contamos com a literatura de base dos Estudos Coloniais que discutem gênero e com referências que tratam sobre a estruturação histórica das formas de violência em torno da sexualidade. De acordo com Creswell (2021), a pesquisa teórico-bibliográfica permite ao pesquisador a construção de novas relações teóricas, as quais poderão servir não só para a reflexão sobre um dado problema ou questão, mas que também poderão alimentar novos olhares em pesquisas empíricas, podendo suas contribuições se tornarem lentes de interpretação da realidade.

De forma mais específica, utilizamos a Revisão Narrativa de Literatura (RNL) como caminho dentro do processo de apropriação da literatura de base acerca das temáticas indicadas. A RNL é uma técnica que consiste na seleção do material teórico-bibliográfico em conformidade com o processo de descoberta e apropriação das leituras por parte do pesquisador, o que revela a aproximação pessoal do pesquisador de uma temática específica, por isso narrativa (Rother, 2007). Por fim, este estudo se insere dentro do campo de reflexões dos Estudos Decoloniais, os quais dizem respeito ao conjunto de contribuições teórico-práticas das ciências sociais que objetivam o desmantelamento das relações herdadas do colonialismo histórico e manifestas na colonialidade (Mignolo, 2005; Santos, 2019).

O PECADO NEFANDO DA SODOMIA: A PRODUÇÃO HISTÓRICA DA NARRATIVA DA HOMOSSEXUALIDADE PELO TRIBUNAL DA SANTA INQUISIÇÃO

Castigos como o descrito por Mott (1995) eram temidos por todas as pessoas que experimentavam desejos e/ou afetos homoeróticos durante o período colonial brasileiro, o que nos denuncia que a vivência mais tarde conhecida como homossexualidade não era bem-vinda em solo brasileiro. Mott (2001b) nos relata, entretanto, que, a despeito das proibições, perseguições e castigos perpetrados contra pessoas homossexuais na colônia, não era incomum haver lugares e contextos específicos para vivência do desejo nefando, afirmação esta que pode ser comprovada em alguns relatos históricos como (GOMES, 2015; MOTT, 2001a; SANTOS, 2013).

Como destaca Borrillo (2015), terminologias como homofobia e homossexualidade são muito recentes e modernas, tendo surgido somente no século XIX como uma resposta à

influência da ciência médica no tecido social. Quando falamos sobre o período de colonização, estamos nos referindo a outra topografia da vivência do homoerotismo, uma vez que as restrições eram outras, bem como eram diferentes os significados e os sentidos construídos em torno dessa experiência e atribuídos a ela. Durante o período colonial, a homossexualidade assumia a alcunha de sodomia.

Sodomia era um termo guarda-chuva que dava conta de classificar todo e qualquer comportamento sexual compreendido como desviante da forma moral e pura de se viver a sexualidade, incluindo-se nesta as práticas sexuais (TREVISAN, 2018), e essa perspectiva sobre moralidade era influenciada pelos dogmas e pela compreensão da Igreja Católica, a qual detinha controle sobre as representações compartilhadas pelas pessoas socialmente (TORRES, 2006). Porém, apesar de ser um termo guarda-chuva, o termo sodomia ficou vinculado às práticas homoeróticas, sobretudo àquelas que preconizavam a relação entre dois homens (GOMES, 2015; MOTT, 2001a; 2001b; 2008). É importante considerar que o homem masculino e heterossexual é a máxima expressão do poder colonial (LUGONES, 2020), o que justifica maior atenção às práticas homossexuais entre homens (FRY, 1982). Corroborando com essa noção, Borrillo (2015) explica que, em uma sociedade heterossexista, o homoerotismo masculino representa abrir mão da vantagem concedida pela natureza, que é ser um homem heterossexual.

A Igreja detinha forte poder sobre as perspectivas compartilhadas pelas pessoas que habitavam a colônia portuguesa, e isso não seria diferente no que diz respeito à forma como a homossexualidade era tratada. Basta que nos lembremos rapidamente da origem cristã do termo. Juntamente com Gomorra, Sodoma se constituía como um centro comercial dos tempos bíblicos, marcado por comportamentos, rituais e costumes distantes daqueles que adoravam Jeová (Deus). Nesse emaranhado de comportamentos, os relatos bíblicos apontam para o interesse sexual que homens tinham por outros homens, interesse este ilustrado na passagem em que os habitantes de Sodoma (os sodomitas) pedem para que Ló lhes desse seus convidados a fim de que com eles tivessem relações sexuais à força. De acordo com interpretações tradicionais do texto bíblico (HABOWSKI e SANTOS, 2017), Sodoma e Gomorra foram destruídas por Deus com fogo tendo em vista a sodomia, contemporaneamente conhecida como homossexualidade.

A despeito de análises histórico-críticas desse episódio (HABOWSKI e SANTOS, 2017), as quais afirmam ter havido processos homofóbicos de tradução, neste momento, nosso

interesse de análise é sobre as representações que ficaram sobre as relações homoeróticas, a saber: a de que a sodomia (homossexualidade) é um pecado castigado com morte pelo próprio Deus. Essa noção historicamente construída se somou às práticas de colonização no Brasil, reverberando na forma como a experiência homoerótica foi enxergada e tratada pelo poder colonial.

Quando vertemos um olhar mais específico para esses processos de colonização da sexualidade, identificamos múltiplos efeitos sobre como as pessoas se organizaram e até hoje se organizam. De acordo com Unger (2018), o colonialismo e a colonialidade são estratégias não só de conquista territorial com fins de expansão comercial-financeira, mas também de controle dos corpos, no sentido do estabelecimento de um sistema cognitivo que se resigne aos abusos e ao autoritarismo do colonizador. Acontece que, como menciona Lugones (2020), o colonizador é o homem branco, heterossexual, masculino e cristão e, assim, tudo que se afasta dessa imagem deve ser subjugado, para que seu projeto de conquista-domínio continue se efetivando.

Como nos explica Wirth (2013), desde os primórdios, a religião foi um instrumento usado na conformação das relações coloniais assimétricas. Bingemer (2002) corrobora com essa afirmação ao evidenciar que a relação com uma religião mais dogmática pode implicar em comportamentos de aceitação e de não transformação da realidade social. Nessa perspectiva, no caso da colônia portuguesa, foram veiculadas perspectivas marginalizantes das identidades não heterossexuais, uma vez que a igreja as compreendia como desvios morais e sexuais, o que representava um forte perigo para sua visão de organização social saudável. Para que práticas de controle efetivas fossem executadas, a Igreja criou o Tribunal da Santa Inquisição.

Referindo-se a casos importantes do Brasil colonial, Mott (2001b) nos conta, por exemplo, do envolvimento de dois padres que, durante alguns meses, além de se encontrarem para a prática da sodomia, trocaram cartas de amor apaixonadas, as quais, em um rompante de temor de um dos amantes, foram entregues como prova para a Inquisição. De acordo com o autor, a Igreja estabelecia punições diferentes para quem confessasse o pecado de sodomia e para quem fosse nele descoberto, uma vez que a depender do nível de consciência identificado quanto ao pecado, estabeleciam-se avaliação e punição diferentes. No caso dos padres em questão, houve o afastamento da parte descoberta de suas funções eclesiásticas; enquanto que, no que diz respeito à parte delatora, houve excomunicação. No caso de não clérigos, era costume a Igreja desapropriar o sodomita de seus bens pessoais, como em um caso de sodomia entre

senhor e escravo relatado por Mott (1995).

Entretanto, a Santa Inquisição nunca contou com sede no Brasil colonial. Suas ações se limitavam à construção de tribunais de inquisição no trópico brasileiro quando a junta clériga era informada de pecados como a sodomia e a heresia (VAINFAS, 2011). De acordo com o autor, a maior parte dos casos de sodomia que foram registrados nos autos da Inquisição eram noticiados pelos próprios sodomitas, uma vez que tinham medo de o assunto vir à público sem sua confissão, o que, como aponta Mott (2001b), daria munição para o Tribunal. Assim, excetuando-se casos extremos, casos atestados como sodomia eram encaminhados para a Metrópole, Portugal.

Como relatado anteriormente, a sodomia, pelo menos em termos gerais, não era uma conduta associada somente a indivíduos homossexuais. Práticas sexuais como o sexo sem fins procriativos (sexo oral hetero e homossexual, sexo anal heterossexual, ejaculação interrompida na atividade sexual heterossexual etc.) eram também interpretadas como sodomia, ainda que a Santa Inquisição não tivesse tanto interesses nesses últimos. Em consonância com o relatado por Vainfas (1988), era com as práticas sexuais entre pessoas de um mesmo gênero com que a Igreja se preocupava, e isso pode ser visto na riqueza de detalhes com a qual os crimes de sodomia (homossexual) eram descritos. Mott (2001a) revela, por exemplo, que, nos autos do Tribunal da Santa Inquisição, os registros contavam com informações como posições sexuais, palavras utilizadas durante o coito, reincidência da atividade sexual, presença ou não da ejaculação etc.

Nesse sentido, havia uma diferenciação na atividade sodomita. De acordo com Gomes (2015), para o clero português, a sodomia se dividia, oficialmente, em duas expressões: sodomia perfeita e sodomia imperfeita. Em linhas gerais, a primeira consistia na emissão de sêmen durante a relação sexual entre dois homens in vas (no canal anal); mesmo quando havia ejaculação no canal anal durante uma relação heterossexual, em vias de regra, a penalidade era mais branda, sendo na maioria das vezes dispensada quando os envolvidos confessam não serem hereges. Já a segunda, dizia respeito a qualquer prática sexual que não objetivasse a reprodução e que envolvesse a ejaculação (coito interrompido, masturbação, sexo oral etc.). Além delas, chama-nos atenção outra prática sexual pela qual a Santa Inquisição demonstrava interesse: as molícias, as quais figuravam trocas afetivo-sexuais que não utilizavam os canais sexuais (pênis, vagina e, no caso do sexo homossexual, ânus). Estas últimas acabavam por representar risco para o exercício da sodomia perfeita, sendo encaradas como corrigíveis desde

que o inquirido se engajasse em confissão e disciplina.

Alguns casos emblemáticos conseguem ilustrar com mais detalhes essas diferenças. Gomes (2015) descreve o envolvimento afetivo-sexual vivido entre o frei Mathias de Matos e o jovem corista Francisco da Ilha da Madeira, os quais, além de se encontrarem repetidamente para cometer o nefando, também trocavam entre si cartas apaixonadas. Conforme apontado, muitos eram os medos associados à possibilidade de descoberta do envolvimento sodomita na colônia; assim, no caso dos referidos clérigos, uma das partes confessa junto ao Tribunal o envolvimento, apontando, contudo, não derramamento *intra vas*, isto é, sem emissão de sêmen no canal anal, o que fez com que ambos os clérigos fossem absolvidos. Em outros casos, atestando-se a consumação da sodomita perfeita, castigos como excomunicação, prisão e expurgo (geralmente consumado em assassinato) eram facilmente observados, como na tratativa que se dispensou ao índio tibirá, que teve seu corpo estraçalhado, tendo ele sido colocado amarrado na boca de um canhão (MOTT, 1995).

Essa compreensão estruturou práticas de estigmatização sobre o sexo anal na sociedade brasileira, bem como contribuiu para a construção de narrativas subalternizantes sobre a homossexualidade no Brasil (GREEN, 2018). Em matéria de Brasil, Fry (1982) nos lembra de que a sodomia/homossexualidade não pode ser tomada fora dos processos históricos que a constituíram. Dessa forma, falar sobre homossexualidade é compreender as implicações psicossociais que a colonização portuguesa trouxe para a experiência de sexualidade no trópico brasileiro, reverbeando até hoje em práticas de discriminação e estigmatização baseadas em um pensamento religioso que toma a homossexualidade como pecado (BORRILLO, 2015; TREVISAN, 2018). Os enraizamentos do processo de colonização são observados nas posturas, nas narrativas e nos destinos reservados à homossexualidade, manifestando-se nas relações que indivíduos homossexuais desempenham com seus pares heterossexuais e nas relações com instituições de saúde, educação etc. (ALBUQUERQUE *et al*, 2013).

Pensar sobre as narrativas acerca da homossexualidade ao longo da história do Brasil significa mergulhar em elementos regulatórios da sexualidade (incluindo-se nela as práticas sexuais), uma vez que, como bem apontam Lykes e Fariña (2017), existe uma relação dialética entre os discursos e a vida concreta, o que significa que as condições objetivas de vida produzem as narrativas, as quais, por sua vez, incidem nas relações materiais. Corroborando com esse pensamento, Vigotski (2008) aponta para a gênese social das narrativas e do pensamento compartilhado socialmente mediante os significados acordados.

Avançando nessa construção, apesar de encontrarmos menos relatos sobre a homossexualidade feminina, o que aponta menor preocupação do Tribunal da Santa Inquisição com essa temática/situação, o Brasil colônia também assistiu à sodomia faeminarum, isto é, a relações afetivo-sexuais entre mulheres. De acordo com Vainfas (2011), o Tribunal dificilmente compreendia experiências afetivo-sexuais entre mulheres como sodomia perfeita, uma vez que elas não detinham pênis, não podendo derramar o sêmen in vas. Talvez como uma extensão do apagamento sistemático da sexualidade intencional da mulher ao longo da história ocidental (OLIVEIRA et al, 2021), a Santa Inquisição tendia a interpretar esses eventos como extensão da expressão “natural” dos afetos entre mulheres. Excetuando-se alguns casos que podemos contar nos dedos, os quais geralmente envolviam o uso de instrumentos penetrantes durante o sexo, o Tribunal não costumava condenar mulheres por crime de sodomia perfeita.

A sodomia também assumia um carácter de perseguição religiosa, como explica Mott (2001a). Durante o período que vai do século XVI ao século XVII, havia um projeto de fortalecimento da hegemonia e da expansão católicas, de modo que qualquer outra profissão de fé que não o Catolicismo era fortemente reprimida (VAINFAS, 2011), dentre elas o judaísmo, cujos praticantes ficaram conhecidos como semitas, um termo próximo filologicamente de sodomita. Ademais, em conformidade com Gomes (2015), a perseguição aos sodomitas também tinha um interesse financeiro; de acordo com o autor, os sodomitas mais facilmente condenados eram cristãos novos (judeus) ricos; de modo que seus bens, na ocasião de condenação, eram incorporados à Igreja Católica. Esses trâmites históricos contribuíram para a criação de narrativas estigmatizantes acerca da homossexualidade: situação frente à qual precisamos pensar categorias analíticas com potencial social transformador.

COLONIALIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE: AVANÇANDO NOS ESTUDOS DECOLONIAIS

Tendo em vista o complexo cenário em que estão inseridos gays e lésbicas na sua relação com os componentes do colonialismo, urge que pensemos elementos analíticos que propiciem leitura e intervenção sobre a realidade a fim de transformá-la. Quando direcionamos nosso olhar para os Estudos Decoloniais, algumas considerações precisam ser feitas. A primeira delas é de carácter conceitual: em conformidade com Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2019), os Estudos Decoloniais dizem respeito a um conjunto de contribuições teórico-práticas, as quais denunciam a assimetria produzida entre o Norte Global e o Sul Global mediante

profundos e complexos processos de subalternização e vulnerabilização da vida; de maneira que as contribuições decoloniais visam, em última instância, o desmantelamento da herança do colonialismo sobre as relações humanas.

Tais processos de vulnerabilização-subalternização, explica Ballestrin (2013), são sustentados por forças que despotencializam os corpos, as quais são: colonialidade do ser, colonialidade do saber; colonialidade do poder; e colonialidade de gênero. Em resumo: a colonialidade do poder, segundo Castro-Gómez (2005), reflete a disposição desigual dos recursos e das agências entre o Norte Global e o Sul Global, de modo que, enquanto aquele tem as ferramentas e o domínio político-financeiro, este fica submetido à influência ideológica daquele a fim de conseguir acesso aos recursos. Caminhando nessa compreensão, é a colonialidade do saber que, nessa dinâmica desigual de poder, estabelece o que é conhecimento e o que não é, quais formas de conhecer a realidade e suas relações são legítimas e efetivas, e quais não são (MIGNOLO, 2005).. Em suma, a colonialidade garante mecanismos regulatórios que mantenham a hegemonia do homem branco, de classe média, heterossexual, masculino e do norte sobre a vida e suas relações.

A colonialidade de gênero, enfim, como bem explica Segato (2012), reflete a disposição assimétrica dos corpos de homens e mulheres nas relações sociais, de forma que os corpos masculinos são valorizados e legimitados em detrimentos dos corpos femininos. A colonialidade de gênero implica ainda o domínio do homem sobre a mulher, do masculino sobre o feminino, garantindo que este só possa existir em sua relação com aquele, como sua posse e extensão (LUGONES, 2014). As relações de gênero estabelecidas dentro dos limites da colonialidade incidem de forma efusiva sobre as relações interpessoais, inclusive naquelas do campo da experiência afetivo-sexual de pessoas homossexuais (BELIZÁRIO, 2016).

Avançando nessa ideia, Louro (2014) explica que, quando falamos sobre sexualidade, falamos também sobre gênero, uma vez que existem expectativas de gênero frente à sexualidade humana. Eliot (2013) e Castanho (2013) descrevem, por exemplo, que, desde a mais tenra infância, projeções sobre nossa sexualidade são feitas a partir do nosso sexo biológico e do gênero que nos atribuem no nascimento; entanto, como expõem os autores, nem sempre essas expectativas são cumpridas, o que faz com que um cenário de violações se abra na experiência de gays e lésbicas (AGUIRRE e CASTELA, 2012).

A homofobia internalizada é um dos processos de vulnerabilização a que homossexuais estão submetidos ao longo do seu ciclo de vida. Pereira e Leal (2005) a definem como as

parcelas da violência homofóbica que interiorizamos na nossa relação com o mundo, seja de forma direta em nossas relações interpessoais (relações intrafamiliares, escola, igreja, trabalho etc.) ou de forma indireta por meio das mensagens que recebemos mediante veículos da cultura (filmes, livros, novelas, propagandas etc.) (HARDIN, 2000). Alguns estudos (ORTIZ-HERNÁNDEZ, 2005; ORTIZ-HERNÁNDEZ e TORRES, 2005) apontam que, quando performamos comportamentos de gênero dissidentes da heteronorma, episódios de violência, promotores de homofobia internalizada, podem ser observados, como sanções verbais e físicas no contato com nossos pares sociais, o que aponta para uma forte relação entre homofobia e componentes de gênero.

Assim, a colonialidade de gênero, a qual tem como objetivo manter e aprofundar as assimetrias entre masculino e feminino, entre homem e mulher, conta com a homofobia internalizada como um mecanismo de perseveração interna da opressão. De acordo com Tocabens (2013), as relações sociais por nós vividas se tornam discursos interiores, os quais passam a regular nosso comportamento no cenário social e a forma como nos relacionamos com quem somos. No caso dos impactos psicossociais da homofobia internalizada, pesquisas apontam que sua incidência pode contribuir para a despotencialização da experiência de gays e lésbicas (BLAIS, GERVAIS e HÉRBERT, 2014; CROSBY et al, 2016; DAWSON et al, 2019).

Pensando, entretanto, na história social da sexualidade, convém apontarmos que não podemos reduzir esses dois componentes aos limites do gênero e dos mecanismos coloniais que o estruturam, tendo em vista eventos e processos singulares presentes na sua construção (RIBEIRO, 2005). É nesse sentido que propomos sexualizar os Estudos Decoloniais de modo a convocá-los ao tensionamento na e para produção de uma nova leitura sobre as experiências homossexuais no Brasil. No cenário de produção dos Estudos Decoloniais, encontramos uma escassez quanto à abordagem de problemáticas que, em seu bojo, reflitam questões relacionadas às opressões por orientação sexual. De modo geral, poucas são as contribuições decoloniais que problematizam processos ligados à sexualidade humana e, quando o fazem, fazem-nos em um caráter de sinalização e enumeração, ou seja, citam haver uma opressão por orientação sexual, mas não desenvolvem a ideia, somente sugerem sua existência (BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES e GROFOGUEL, 2019; LUGONES, 2020; SANTOS, 2019). Duas são as possíveis causas para esse fenômeno: 1) dentro da heteronormatividade, qualquer experiência afetivo-sexual dissidente da heterossexualidade não tem caráter de importância, assim vivências homossexuais são

invisibilizadas, mesmo em produções mais críticas; 2) estudos (MOSCHETA, FÉBOLE e ANZOLIN, 2016) sugerem que a vivência heterossexual é uma experiência de ensimesmamento. Considerando que a ciência moderno-contemporânea é, por fatores históricos, um locus heterossexual, mesmo em perspectivas críticas, pesquisadores(as) não tem em seu radar de percepção a homossexualidade como questão.

Ao longo da história humana, entretanto, são variados os eventos sociais e culturais que tiveram na sexualidade seu interesse. Sempre apontando a influência da Igreja sobre a percepção social sobre a sexualidade, Borrillo (2015) narra que é com os consílios feitos pela Igreja Católica ao longo da Idade Média e do período das caravelas, que, de um lado foram postas experiências sexuais e expressões da sexualidade consideradas válidas, e, de outro lado, aquelas inválidas, sendo estas ainda responsáveis pela degradação moral humana. De acordo com Engels (2012), após o estabelecimento da família nuclear heterossexual como célula-mãe da vida social, intercursos sexuais que objetivassem somente o prazer e/ou que não expressassem a união afetivo-sexual heterossexual, restrições foram fincadas quando à experiência da sexualidade.

Precisa haver um movimento de desnaturalização dos padrões sexuais reforçados socialmente. Quando olhamos a experiência afetivo-sexual para além da Europa Ocidental – a qual foi a protagonista dos processos de colonização modernos –, encontramos vivências as mais variadas em todo o mundo (ENGELS, 2012). Mott (2001a; 2015) e Vainfas (2011) contam, por exemplo, que, quando os portugueses chegaram aos trópicos, especificamente ao Brasil, deparam-se com uma forma diferente de lidar com a nudez, com o sexo e com a sexualidade; formas estas que abarcavam também o sexo por prazer e vivências afetivo-sexuais não heterossexuais. Do mesmo modo, a África também sinalizou para os portugueses outras possibilidades de expressão da sexualidade e da identidade de gênero, de modo que indivíduos dissidentes da heteronormatividade ocidental-europeia detinham lugares importantes dentro de suas aldeias e comunidades (GOMES, 2015; MOTT, 2008; REA, 2018), o que também acontecia entre os povos nativos brasileiros, ainda que com suas peculiaridades.

Assim, a colonialidade de gênero não sexualizada só pode se apresentar como uma resposta parcial a problemáticas que envolvem questões que tenham a orientação sexual enquanto base, como a homofobia internalizada. Nesse sentido, é necessário que avancemos na revisitação de categorias de análise, como colonialidade do gênero. Destacamos, entretanto, que não se trata de deslegitimar o potencial heurístico do conceito de colonialidade de gênero, mas

sim de, em um processo de avanço, mergulhar na compreensão dos mecanismos específicos que envolvem a sexualidade dentro das tramas coloniais, entendendo a colonialidade de gênero como um importante enraizamento da colonialidade na explicação da homofobia internalizada, assim como as colonialidades do poder, do saber e do ser.

Tendo isso em vista, são três as grandes instituições que, servindo de assoalho para os processos colonizadores, legitimaram a perseguição, a morte e a subalternização de homossexuais desde a colônia até a contemporaneidade, a saber: a Religião, a Ciência Positivista e o Direito (BORRILLO, 2015). Trevisan (2018) nos conta como que os discursos dessas instituições corroboraram para com os interesses político-ideológicos e financeiros do colonizador, não só ratificando que vivências não heterossexuais eram pecaminosas, patológicas e criminosas, mas também munindo a Inquisição – e seus tribunais modernos, cujos ecos até hoje podemos escutar –, no que tange ao extermínio de sodomitas e homossexuais ao longo da história do Brasil.

Tais plataformas funcionaram (e funcionam) como agulhões da experiência de homofobia internalizada no Ocidente, uma vez que suas representações não só reforçaram noções como pecado, patologia e crime, mas também se presentificaram nos diálogos interiores e exteriores de gays e lésbicas (BORRILLO, 2015). Assim como o gênero, a experiência de sexualidade possui uma história social, a qual deve ganhar caráter de importância dentro dos Estudos Decoloniais, servindo como prisma de análise. Nesse sentido, a sexualização da categoria colonialidade do gênero surge como uma alternativa à escassez de produções que tomem a sexualidade como importante. Apontamos a necessidade e a potência desse novo olhar para a compreensão da homofobia internalizada como um problema colonial, desvelando elementos que irrompem como herança dos processos históricos de colonização.

A HOMOFOBIA INTERNALIZADA COMO UM PROBLEMA COLONIAL

Ancorados em estudos historiográficos sobre as vivências não heterossexuais durante o período de colonização brasileiro (GREEN, 2018; TREVISAN, 2018; MOTT, 1995; 2001a; 2001b; 2008; 2015; VAINFAS, 2011), compreendemos que a homofobia internalizada é uma expressão contemporânea do colonialismo histórico. Este é definido por Maldonado-Torres (2019) como as ações de colonização, domínio e exploração que se iniciaram com as grandes caravelas, partindo da Europa em direção às Americas e à África, de modo que tais ações incidiram sobre os recursos materiais, políticos, interpessoais, sexuais e culturais dos povos

colonizados, desestruturando modos de vida e subjulgando-os. Por sua vez, os ecos do colonialismo histórico sobre a modernidade e a contemporaneidade são chamados de colonialidade.

Situamos a homofobia internalizada como um desses ecos. Quando mergulhamos na catacterização da topografia da homofobia, descobrimos, basicamente, duas formas de incidência desse processo de violação psicossocial: uma externa e outra interna (COSTA e NARDI, 2015). Costa, Bandeira e Nardi (2015) mostram que existem componentes homofóbicos que atuam externamente sobre a forma como gays e lésbicas vivem suas vidas e componentes homofóbicos que atuam internamente. Conforme os autores, enquanto componentes externalizantes se manifestam nas relações interpessoais por meio de piadas, assédio, violência física, sanções legais etc., os componentes internos atuam regulando a imagem que gays e lésbicas têm sobre si, despotencializando sua experiência de vida. Sobre a despotencialização da vida emocional de homossexuais, Lira e Morais (2018) apontam que experiências emocionais esperadas entre pessoas heterossexuais, como resiliência, assumem uma realidade diferente em gays e lésbicas.

A homofobia internalizada aparece, assim, como um mecanismo regulatório e mantenedor dos limites coloniais. Ora, a Metrópole, referenciada na ideia de sodomia, disseminou perspectivas criminalizantes e moralistas acerca das homossexualidades, e isso conduziu a um *modus operandi* no trópico brasileiro. Esse modo de funcionamento está vinculado a processos emocionais internos como sentimento de vergonha e antecipação de cenários de humilhação e violência, processos estes observados em populações vulneráveis socialmente (MOURA JR e SARRIERA, 2020). No caso de pessoas homossexuais, há relatos de pesquisa que apontam para uma vivência de profundo desconforto com a própria orientação sexual, o que costuma implicar em desfechos negativos na saúde mental dessa população e no empobrecimento de comportamentos ativos frente à realidade social opressora (SOUZA et al, 2019).

Jesus (2019) explica que o colonialismo, no que tange à experiência dos sujeitos subalternos e colonizados, foi produzindo encontros despotencializadores da potência de ação, os quais o autor chama de maus encontros. Estes acabam por se tornar o modo de subjetivação dos colonizados e dos colonizadores, ambos sendo dirimidos pelo moinho da violência colonial. Focando na experiência dos sujeitos subalternos e colonizados, Spivak (2010) relata que tais corpos têm negado, sistematicamente, um conjunto de direitos fundamentais, o que lhes faz,

progressivamente, perder dignidade em sua relação com o colonizador contemporâneo.

No caso de pessoas homossexuais, a homofobia internalizada é o formato interiorizado dessas relações de violência e de vulnerabilização da vida (ANTUNES, 2016), o que lhes faz acreditar que há algo de errado com sua experiência, sentindo-se deslocados dentro do tecido social. Hardin (2000) e Baker (2013) explicam que as mensagens homofóbicas com as quais gays e lésbicas lidam e se relacionam durante suas vidas fazem com que desenvolvam formas adoecidas de lidar com sua própria identidade. Obviamente, entretanto, precisamos denotar que essa relação não é passiva; antes, é ativa, assim, homossexuais internalizam em maior ou menor grau a homofobia. Paveltchuk e Borsa (2019) afirmam que é fundamental que cenários protetores contra a homofobia sejam construídos a fim de que garantamos condições dignas de vida para gays e lésbicas, enfraquecendo a homofobia internalizada.

Retomando a ideia de Jesus (2019), os maus encontros são a plataforma de subjetivação e individuação de homossexuais na modernidade-colonialidade. Vigotski (2006) afirma que a imagem subjetiva que criamos de nós mesmo e da realidade na relação com esta última, que é concreta e tem uma história, está pautada na realidade objetiva; caminhando nessa compreensão, se a homofobia desponta como um elemento estrutural, isto é, se ela está presente na base da vivência ocidental e moderna, ela incindirá sobre gays e lésbicas, geralmente, despotencializando sua potência de agir. Jesus (2019) denuncia os maus encontros como mecanismos de manutenção coloniais e, nesse sentido, apontamos a homofobia internalizada como um desses processos de maus encontros.

Olhando especificamente para as implicações da homofobia internalizada sobre o sujeito colonial, ela contribui basicamente para a internalização de dois componentes por parte da pessoa: 1) a noção de que existe algo de errado na experiência de ser homossexual, de maneira que essa percepção costuma estar vinculada à ideia de que a homossexualidade é pecado, doença ou crime, contribuindo para o fomento de práticas violentas homofóbicas; 2) a perspectiva de que, caso se seja homossexual, essa experiência, quando vivida, deve ser experienciada de forma resignada e passiva dentro do cenário social (NASCIMENTO, 2010).

A homofobia internalizada, como um processo colonial, interfere na possibilidade de uma compreensão integral da realidade. Vigotski (2008) nos afirma que não existem processos cognitivos que não sejam atravessados por elementos afetivo-emocionais e vice-versa; assim, a vida psíquica saudável se expressa na unidade cognição e afeto. Entretanto, dentro dos limites coloniais, vivenciamos um processo de cisão dessa unidade fundamental da vida psíquica. Sobre

esse aspecto de cisão, Santos (2019) aponta para o fato de que, na experiência colonial, existe uma forte desvalorização dos componentes emocionais que fazem parte da vida humana, de modo que as emoções não são compreendidas como um caminho adequado para a compreensão assertiva da realidade. Assim, as práticas coloniais promovem espaços de ensino-aprendizagem que empobrecem as emoções, cindindo-as da vida psíquica.

Um exemplo de cisão entre cognição e afeto na vivência homoerótica são os caminhos que foram traçados por homossexuais no período de colonização. Fry (1982) descreve que as vivências homoeróticas na colônia tomaram as mais variadas formas: desde contatos homoeróticos mais pontuais até vivências mais duradouras, as quais foram equiparadas ao pecado de heresia, cuja pena era a morte pela Coroa Portuguesa. O autor descreve, por exemplo, que, a despeito de haver indivíduos que, de fato, se identificavam com a sodomia e, por vezes, tinham performances de gênero (comportamentos e maneirismos) atribuídas ao gênero oposto, suas vidas afetivo-sexuais só eram possíveis em espaços de marginalização; assim, ainda que tivessem consciência de suas inclinações eróticas e se identificassem com elas, vivam-nas escondidos, com vergonha e com medo perene (VAINFAS, 2011).

Desde então, discursos interiorizados, como a homofobia internalizada, acerca do que mais tarde, no século XIX, viria a ser conhecido como homossexualidade (GREEN, 2018), foram se fortalecendo no tecido social e, aqui em especial, na vivência de gays e lésbicas. Entendemos que a homofobia internalizada é a voz do colonizador interiorizada, a qual comunica valores, percepções, pensamentos e estados emocionais baseados na heteronormatividade e na homofobia. Nesse sentido, pensando nos interesses coloniais de manutenção das assimetrias e desigualdades, a homofobia internalizada garante que homossexuais não se desenvolvam integralmente como pessoas, diminuindo seu potencial de engajamento e de enfrentamentos sociais, o que é de interesse do colonizador.

Por fim, reiteramos a necessidade de compreendermos a gênese social da homofobia internalizada e a força que os processos de colonização tiveram e têm sobre esse processo psicossocial. Apesar de os maus encontros terem sido estabelecidos como possibilidades imediatas de constituição da identidade de gays e lésbicas na modernidade, apontamos para a construção de perspectivas teórico-práticas que desafiem os limites impostos pela colonialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo o carácter histórico da construção da homossexualidade no Brasil e as transformações que se processaram na área da homossexualidade desde o Brasil Colônia, sexualizar a colonialidade de gênero com a sexualidade nos parece uma estratégia teórica que pode promover avanços dentro dos Estudos Coloniais, uma vez que nos mune de mais ferramentas de análise para compreender a vivência de pessoas homossexuais na modernidade. Concluimos que a sexualidade possui uma história social própria, diferente dos elementos que configuram o gênero, ainda que gênero e sexualidade sejam filhos de uma mesma mãe, a colonialidade do gênero. Reiteramos a importância de sexualizar a colonialidade do gênero a

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Felipe Quintero; CASTELAR, Andrés Felipe. *Performatividad y lenguaje de odio: expresiones de la homosexualidad masculina en la ciudad de Cali*. Revista CS, [S.l.], n. 10, p. 207–240, 2012. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S2011-03242012000200007&script=sci_arttext. Acesso em: 16 jan. 2025.
- ALBUQUERQUE, Grayce Alencar et al. *Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil*. *Saúde em Debate*, [S.l.], v. 37, n. 98, p. 516–524, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/JhwFvPRq3LCSQTqkLgtHZ7f/?lang=pt>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- ALMEIDA, Ângela Mendes de. *Sexualidade e casamento na colonização portuguesa no Brasil*. *Análise Social*, [S.l.], v. 22, n. 92/93, p. 697–705, 1986. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223553190J8vGM8tt8Nt39XF7.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- ALVES, Cândida Beatriz; DELMONDEZ, Polianne. *Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política*. *Revista Psicologia Política*, [S.l.], v. 15, n. 34, p. 647–661, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7434404>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. *Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo*. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontificia

Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_1256ee7997509560a336d535a8dcf01e.

Acesso em: 16 jan. 2025.

- BAKER, Jean M. *How homophobia hurts children: nurturing diversity at home, at school, and in the community*. Texas: Routledge, 2013.
- BELIZÁRIO, Fernanda. *Por uma teoria queer pós-colonial: colonialidade de gênero e heteronormatividade ocupando as fronteiras e espaços de tradução*. In: Congresso Internacional de Estudos Inter. 2016. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/43727>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- BALLESTRIN, Luciana. *América Latina e o giro decolonial*. Revista Brasileira de Ciência Política, [S.l.], n. 11, p. 89–117, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?lan>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Violência e religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BLAIS, Martin; GERVAIS, Jesse; HÉBERT, Martine. *Internalized homophobia as a partial mediator between homophobic bullying and self-esteem among youths of sexual minorities in Quebec (Canada)*. Ciência & Saúde Coletiva, [S.l.], v. 19, p. 727–735, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/DQ6gWsDxwjtKBK57bNZpXTM/?lang=en&format=html>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CASTANHO, William Glauber Teodoro. *Nem sempre foi assim: uma contribuição marxista ao reconhecimento da união homoafetiva no STF e à autorização do casamento lésbico no STJ*. 2013. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002436565>. Acesso em: 16 jan. 2025.

- CASTRO, Ricardo Dias de; MAYORGA, Claudia. *Decolonialidade e pesquisas narrativas: contribuições para a Psicologia Comunitária*. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 1–18, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180989082019000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 jan. 2025.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- COSTA, Angelo Brandelli; BANDEIRA, Denise Ruschel; NARDI, Henrique Caetano. *Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento*. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 32, n. 2, p. 163–172, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/ktxhC6WcG478X4bNvz9NyLb/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- COSTA, Ângelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. *Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual*. Temas em Psicologia, [S.l.], v. 23, n. 3, p. 715–726, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 jan. 2025.
- CRESWELL, John Walter. *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. São Paulo: Penso Editora, 2021.
- CROSBY, Richard A. et al. *Associations between internalized homophobia and sexual risk behaviors among young black men who have sex with men*. Sexually Transmitted Diseases, [S.l.], v. 43, n. 10, p. 656–660, 2016. Disponível em: https://journals.lww.com/stdjournal/fulltext/2016/10000/associations_between_internalized_homophobia_and.13.aspx. Acesso em: 16 jan. 2025.
- DAWSON, Erica L. et al. *Resilience, condom use self-efficacy, internalized homophobia, and condomless anal sex among black men who have sex with men*, New York City. PloS One, [S.l.], v. 14, n. 4, p. e0215455, 2019. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0215455>. Acesso em: 16 jan. 2025.

- ELIOT, Lise. *Cérebro azul ou rosa: o impacto das diferenças de gênero na educação*. Porto Alegre: Penso, 2013.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Edições, 1982.
- GOMES, Fábio da Silva. *O escravo sodomita na colônia*. Khóra: Revista Transdisciplinar, [S.l.], v. 2, n. 2, 2015. Disponível em: <http://site.feuc.br/khóra/index.php/vol/article/viewFile/44/44>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- GREEN, James N. *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.
- GROSGOUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. Sociedade e Estado, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?format=html>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- HABOWSKI, Adilson Cristiano; SANTOS, Guilherme Mendes Tomaz dos. *Análise hermenêutica nas passagens bíblicas do Antigo Testamento: o paradigma cristão-religioso frente à homossexualidade em foco*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- HARDIN, Kimeron N. *Auto-estima para homossexuais: um guia para o amor-próprio*. São Paulo: Edições GLS, 2000.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. *Homofobia: identificar e prevenir*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas*. Bagoas – Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades, [S.l.], v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- LIMA, Wallas Jefferson de; SILVA, Edson Santos. *Intolerância e sexualidade: a Inquisição em Pernambuco Colonial (1593–1595)*. Revista Trilhas da História, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 5–23, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/412>. Acesso em: 16 jan. 2025.

- LIRA, Aline Nogueira de; MORAIS, Normanda Araújo de. *Estratégias metodológicas de investigação da resiliência em lésbicas, gays e bissexuais (LGBs): revisão integrativa de literatura*. *Trends in Psychology*, [S.l.], v. 26, p. 1427–1445, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-11Pt>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- LUGONES, María. *Colonialidad y género: hacia un feminismo decolonial*. In: MIGNOLO, Walter; LUGONES, María; JIMÉNEZ-LUCENA, Isabel; TLOSTANOVA, Madina. *Género y descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2014.
- LUGONES, María. *Colonialidade e gênero*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 15–35.
- LYKES, M. Brinton; FARIÑA, Juan Jorge Michel. *Re-storying violence and its aftermath through film*. *Visual Studies*, [S.l.], v. 32, n. 2, p. 178–182, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1472586X.2017.1321248>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. *Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas*. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MENDOS, Lucas Ramon et al. *Homofobia de Estado: actualización del panorama global de la legislación*. Genebra: ILGA, 2020.
- MIGNOLO, Walter. *A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade*. In: MIGNOLO, Walter. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Del Signo, 2005.
- MOSCHETA, Murilo dos Santos; FÉBOLE, Daniele da Silva; ANZOLIN, Bárbara. *Visibilidade seletiva: a influência da heterossexualidade compulsória nos cuidados em saúde de homens gays e mulheres lésbicas e bissexuais*. *Saúde & Transformação Social / Health & Social Change*, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 71-83, 2016. Disponível em: <http://orcid.org/0000-0001-7479-2651>.

- MOTT, Luiz. *A revolução homossexual: o poder de um mito*. Revista USP, [S.l.], n. 49, p. 40-59, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32907/35477>.
- MOTT, Luiz. *Anti-homossexualidade: a gênese da homofobia*. Revista de Estudos de Cultura, [S.l.], n. 2, p. 15-32, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.32748/revec.v0i02.4244>.
- MOTT, Luiz. *A inquisição no Ceará*. Revista de Estudos de Cultura, [S.l.], n. 3, p. 19-37, 1985. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10391>.
- MOTT, Luiz. *A inquisição no Maranhão*. São Luís: Edufma, 1995.
- MOTT, Luiz. *Feiticeiros de Angola na América portuguesa vítimas da Inquisição*. Revista Pós Ciências Sociais, [S.l.], v. 5, n. 9/10, 2008. Disponível em: <http://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/773>.
- MOTT, Luiz. *Meu menino lindo: cartas de amor de um frade sodomita, Lisboa (1690)*. Luso-Brazilian Review, [S.l.], p. 97-115, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3513967>.
- MOURA JR, James Ferreira; SARRIERA, Jorge Castellá. *Vergonha e humilhação relacionadas com a estigmatização da pobreza: um estudo qualitativo*. Revista de Psicologia da IMED, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 108-125, 2020. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3600/2547>.
- NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. *Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo?* Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social, [S.l.], n. 17, p. 227-239, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v0n17.652>.
- OLIVEIRA, Marilene de et al. *Invisibilidade, percalços e nuances da homossexualidade feminina*. RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar, [S.l.], v. 2, n. 8, p. e28647-e28647, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i8.647>.
- ORTIZ-HERNÁNDEZ, Luis. *Influencia de la opresión internalizada sobre la salud mental de bisexuales, lesbianas y homosexuales de la Ciudad de México*. Salud mental, [S.l.], v. 28, n. 4, p. 49-65, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/582/58242806.pdf>.

- ORTIZ-HERNÁNDEZ, Luis; TORRES, María Isabel García. *Opresión internalizada y prácticas sexuales de riesgo en varones homo-y bi-sexuales de México*. Revista de Saúde Pública, [S.l.], v. 39, p. 956-964, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000600014>.
- PAVELTCHUK, Fernanda Oliveira de; BORSA, Juliane Callegaro. *Homofobia internalizada, conectividade comunitária e saúde mental em uma amostra de indivíduos LGB brasileiros*. Avances en Psicología Latinoamericana, [S.l.], v. 37, n. 1, p. 7-61, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v37n1/2145-4515-apl-37-01-47.pdf>.
- PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. *Medindo a homofobia internalizada: a validação de um instrumento*. Análise Psicológica, [S.l.], v. 23, n. 3, p. 323-328, 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/270219553.pdf>.
- RAGO, Margareth. *Sexualidade e identidade na historiografia brasileira*. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 59-74, 1997. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/download/8645524/12829>.
- REA, Caterina Alessandra. *Descolonização, feminismos e condição queer em contextos africanos*. Revista Estudos Feministas, [S.l.], v. 26, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/j3bzdZB6PvB9qjzMcprDgCH/?lang=pt&format=html>.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos*. Sexualidade e infância, [S.l.], p. 17-34, 2005. Disponível em: <11nq.com/W829T>.
- ROTHER, Edna Terezinha. *Revisão sistemática X revisão narrativa*. Acta paulista de enfermagem, [S.l.], v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByt/?lang=es>.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SANTOS, Daniel Kerry dos. *As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia*. Revista Epos, [S.l.], v. 4, n. 1, 2013. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2013000100007&lng=pt&nrm=iso.

- SEGATO, Rita Laura. *Alteridades históricas/Identities políticas: una crítica a las certezas del pluralismo global*. Anuário Antropológico, Universidade de Brasília, Brasília, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 161–196, 1998. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6709>.
- SEGATO, Rita Laura. *Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial*. E-cadernos ces, [S.l.], n. 18, 2012. DOI: <https://journals.openedition.org/eces/1533>.
- SOUZA, Daniel Cerdeira de et al. *A produção literária sobre homofobia internalizada*. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, [S.l.], v. 2, n. 5, 2019. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/199>.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- STOLKE, Verena. *O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX*. Revista Estudos Feministas, [S.l.], v. 14, p. 15-42, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/CmtTSC5w3Tf5tqcFS4bmwBd/?lang=pt>.
- TOCABENS, B. E. *Psicoterapia y enfoque histórico-cultural: aportes y desafíos*. Santiago, Santiago de Cuba, n. 133, p. 85-98, 2013. Disponível em: <https://santiago.uo.edu.cu/index.php/stgo/article/view/174/170>.
- TORRES, Marco Antônio. *Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso da Igreja Católica em condições históricas e contextuais específicas*. Revista de Estudos da Religião, [S.l.], v. 1, p. 142-152, 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_torres.pdf.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- UNGER, Roberto Mangabeira. *Depois do colonialismo mental: repensar e reorganizar o Brasil*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- VAINFAS, Ronaldo. *A problemática das mentalidades e a inquisição no Brasil colonial*. Revista Estudos Históricos, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 167-173, 1988. Disponível em:

[http://www.catedra-alberto-benveniste.org/fich/15/Artigo_Vainfas -](http://www.catedra-alberto-benveniste.org/fich/15/Artigo_Vainfas_-_Estudos_historicos_II.pdf)

[Estudos_historicos_II.pdf.](http://www.catedra-alberto-benveniste.org/fich/15/Artigo_Vainfas_-_Estudos_historicos_II.pdf)

- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Paidología del adolescente*. In: VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Obras escogidas*. Tomo 4: paidología del adolescente y problemas de la psicología infantil. Madrid: Visor, 2006a.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- WIRTH, Lauri Emílio. *Religião e epistemologias pós-coloniais*. In: WIRTH, Lauri Emílio. *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2013. Disponível em: https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/cienciadareligiao/religiao_e_epistemologias_pos_coloniais_2.pdf.
- NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. *Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo?* Athenea Digital. *Revista de pensamiento e investigación social*, [S.l.], n. 17, p. 227-239, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v0n17.652>.
- OLIVEIRA, Marilene de et al. *Invisibilidade, percalços e nuances da homossexualidade feminina*. RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar, [S.l.], v. 2, n. 8, p. e28647-e28647, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i8.647>.
- ORTIZ-HERNÁNDEZ, Luis. *Influencia de la opresión internalizada sobre la salud mental de bisexuales, lesbianas y homosexuales de la Ciudad de México*. *Salud mental*, [S.l.], v. 28, n. 4, p. 49-65, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/582/58242806.pdf>.
- ORTIZ-HERNÁNDEZ, Luis; TORRES, María Isabel García. *Opresión internalizada y prácticas sexuales de riesgo en varones homo-y bi-sexuales de México*. *Revista de Saúde Pública*, [S.l.], v. 39, p. 956-964, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000600014>.
- PAVELTCHUK, Fernanda Oliveira de; BORSA, Juliane Callegaro. *Homofobia internalizada, conectividade comunitária e saúde mental em uma amostra de indivíduos*

LGB brasileiros. Avances en Psicología Latinoamericana, [S.l.], v. 37, n. 1, p. 7-61, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v37n1/2145-4515-apl-37-01-47.pdf>.

- PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. *Medindo a homofobia internalizada: a validação de um instrumento*. Análise Psicológica, [S.l.], v. 23, n. 3, p. 323-328, 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/270219553.pdf>.
- RAGO, Margareth. *Sexualidade e identidade na historiografia brasileira*. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 59-74, 1997. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/download/8645524/12829>.
- REA, Caterina Alessandra. *Descolonização, feminismos e condição queer em contextos africanos*. Revista Estudos Feministas, [S.l.], v. 26, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/j3bzdZB6PvB9qjzMcprDgCH/?lang=pt&format=html>.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos*. Sexualidade e infância, [S.l.], p. 17-34, 2005. Disponível em: <11nq.com/W829T>.
- ROTHER, Edna Terezinha. *Revisão sistemática X revisão narrativa*. Acta paulista de enfermagem, [S.l.], v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=es>.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SANTOS, Daniel Kerry dos. *As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia*. Revista Epos, [S.l.], v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2013000100007&lng=pt&nrm=iso.
- SEGATO, Rita Laura. *Alteridades históricas/Identities políticas: una crítica a las certezas del pluralismo global*. Anuário Antropológico, Universidade de Brasília, Brasília, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 161-196, 1998. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6709>.

- SEGATO, Rita Laura. *Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial*. E-cadernos CES, [S.l.], n. 18, 2012. DOI: <https://journals.openedition.org/eces/1533>.
- SOUZA, Daniel Cerdeira de et al. *A produção literária sobre homofobia internalizada*. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, [S.l.], v. 2, n. 5, 2019. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/199>.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- STOLKE, Verena. *O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX*. Revista Estudos Feministas, [S.l.], v. 14, p. 15-42, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/CmtTSC5w3Tf5tqcFS4bmwBd/?lang=pt>.
- TOCABENS, B. E. *Psicoterapia y enfoque histórico-cultural: aportes y desafíos*. Santiago, Santiago de Cuba, n. 133, p. 85-98, 2013. Disponível em: <https://santiago.uo.edu.cu/index.php/stgo/article/view/174/170>.
- TORRES, Marco Antônio. *Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso da Igreja Católica em condições históricas e contextuais específicas*. Revista de Estudos da Religião, [S.l.], v. 1, p. 142-152, 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_torres.pdf.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- UNGER, Roberto Mangabeira. *Depois do colonialismo mental: repensar e reorganizar o Brasil*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- VAINFAS, Ronaldo. *A problemática das mentalidades e a inquisição no Brasil colonial*. Revista Estudos Históricos, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 167-173, 1988. Disponível em: http://www.catedra-alberto-benveniste.org/_fich/15/Artigo_Vainfas_-_Estudos_historicos_II.pdf.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Paidologia del adolescente*. In: VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Obras escogidas*. Tomo 4: paidología del adolescente y problemas de la psicologia infantil. Madrid: Visor, 2006a.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- WIRTH, Lauri Emílio. *Religião e epistemologias pós-coloniais*. In: WIRTH, Lauri Emílio. *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2013. Disponível em: https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/cienciadareligiao/religiao_e_epistemologias_pos_coloniais_2.pdf.